

EMPODERAMENTO COLETIVO ATRAVÉS DA PEDAGOGIA INTEGRADORA: EMANCIPAÇÃO DO EU NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Daykson de Sousa Moreno¹
Rosineide da Silva Magno²
Luciano Almeida Sousa³
Vinicius Rodrigues Maione⁴

RESUMO

O presente artigo visa abordar a questão da emancipação dos espaços escolares, destacando a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O enfoque central reside na dinâmica de rotação de palavras e na "aceitação", no sentido de assegurar a essência disciplinar e fomentar uma experiência compartilhada. A análise abrange pensadores que abordam a interação entre experiência e educação, em paralelo com a perspectiva de Byung-Chul Han, cuja perspectiva de emancipação do eu é fundamentada em sua obra "Sociedade do Cansaço". Além disso, Theodor W. Adorno contribui com sua teoria social que busca uma abordagem formativa, enquanto Lacan utiliza a Linguística como paradigma para analisar fenômenos inconscientes, enfatizando a centralidade da linguagem a partir dos escritos de Freud. Ao longo do texto, destaca-se a importância de uma educação que transcenda o currículo convencional, com isso a abordagem autocontemplativa permite que o indivíduo se descubra na realidade em que está inserido, promovendo a superação de sua própria visão sobre o mundo e sobre si mesmo. Isso contribui para a construção do empoderamento e da narrativa pessoal, bem como para o fortalecimento das relações interpessoais. Assim, a proposta é uma educação que ultrapasse a realidade imediata, visando a formação de indivíduos conscientes de si mesmos e da construção do mundo natural. Em particular, a inclusão da EJA no contexto da discussão ressalta a necessidade de adaptar e ampliar as práticas educacionais para atender às diversas demandas e realidades dos jovens e adultos envolvidos no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: discurso, educação, emancipação, EJA.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocupa um espaço fundamental na promoção da inclusão educacional e social de sujeitos que, por diversas razões, não conseguiram concluir a educação básica no tempo regular. A partir de uma perspectiva teórica, este trabalho explora o conceito de empoderamento coletivo por meio da Pedagogia Integradora, com ênfase na emancipação do "eu" dentro da EJA. Autores

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, daykson.edu@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, lika.magno@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, almd4596@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Docente na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) email: vinicius.maione@ueap.edu.br

trabalhados nessa pesquisa fornecem um referencial central neste estudo, oferecendo uma análise crítica das dinâmicas sociais, educacionais e subjetivas que envolvem o processo de formação de adultos.

A pesquisa fundamenta-se na obra “Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han que discute o impacto da sociedade contemporânea nas relações humanas e no cansaço social; de Adorno, que, a partir de sua teoria crítica, propõe a emancipação como um processo de conscientização e superação das imposições sociais. Complementando esse arcabouço teórico, Lacan, ao enfatizar a centralidade da linguagem na constituição do sujeito, contribui para a compreensão do papel da educação como mediadora no processo de reconstrução do eu.

O objetivo central da pesquisa é discutir como a Pedagogia Integradora pode servir como um catalisador para o empoderamento coletivo na EJA, promovendo não apenas a superação de lacunas educacionais, mas também o fortalecimento da consciência crítica e da autonomia pessoal do sujeito. A justificativa implícita deste estudo reside na relevância de se repensar as práticas pedagógicas voltadas à EJA, tendo em vista a escassez de pesquisas neste âmbito, de modo a oferecer uma educação que dialogue com as vivências dos educandos e os auxilie na construção de sua construção social.

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica, analisando obras-chave dos autores mencionados para articular uma reflexão sobre a emancipação educacional. A revisão da literatura permitiu explorar a interseção entre as teorias críticas e psicanalíticas com as práticas educacionais da EJA, apontando para a necessidade de um modelo pedagógico que vá além da mera transmissão de conhecimentos técnicos e que promova uma formação mais humanista e reflexiva. As discussões desenvolvidas ao longo do trabalho indicam que a Pedagogia Integradora, ao valorizar o diálogo, a experiência de vida e o aprendizado colaborativo, oferece uma alternativa para o cenário educacional da EJA. Os resultados sugerem que, ao propor uma educação menos exaustiva e mais participativa, é possível fortalecer o empoderamento coletivo e contribuir para a emancipação do eu, rompendo com os modelos tradicionais de ensino que muitas vezes reforçam desigualdades e alienação.

Por fim, o estudo conclui que, ao adotar práticas pedagógicas integradoras e conscientes da realidade social dos educandos, a EJA pode se tornar um espaço efetivo de transformação social e pessoal. Essa abordagem não apenas responde às demandas educacionais dos jovens e adultos, mas também promove um movimento de emancipação

que transcende o ambiente escolar, possibilitando aos sujeitos a construção de uma nova relação consigo mesmos e com a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é fundamental para promover inclusão educacional, atendendo a públicos diversos que, por várias razões, não concluíram sua formação na idade regular. Mais do que uma oferta compensatória, a EJA emerge como uma ferramenta de transformação social, com foco no empoderamento dos sujeitos. Como aponta (Adorno, 2022), o objetivo da educação deve ser a emancipação humana, o que reforça seu papel de humanização.

A Pedagogia Integradora, que visa unificar diferentes áreas do conhecimento, é uma abordagem eficaz no contexto da EJA, pois valoriza as experiências prévias dos estudantes adultos. Ao conectar os conteúdos educacionais às vivências cotidianas, essa pedagogia facilita a construção de uma educação mais significativa. (Lacan, 2008) destaca que o sujeito é constituído a partir das relações sociais, e a Pedagogia Integradora contribui para esse processo ao permitir que os alunos reinterpretem suas realidades e conhecimentos.

Ao propor a integração de conteúdos e envolver os alunos ativamente, a Pedagogia Integradora favorece o desenvolvimento de competências como pensamento crítico e colaboração, essenciais tanto para a vida acadêmica quanto para a prática social. (Adorno, 2022) ressalta a necessidade de uma educação crítica, que não apenas reproduza as estruturas sociais, mas que também promova a emancipação e transformação da sociedade.

Assim, a EJA e a Pedagogia Integradora, ao valorizar as trajetórias individuais dos estudantes e promover uma formação abrangente e contextualizada, tornam-se ferramentas eficazes na construção de uma educação mais inclusiva, crítica e emancipadora, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de transformar sua realidade.

Na contemporaneidade, a sociedade é marcada por um ritmo acelerado, permeado por incessantes demandas e por uma cultura que promove a positividade constante. Neste contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume um papel desafiador, mas ao mesmo tempo, potencialmente transformador. A obra Sociedade do Cansaço, de Byung-Chul Han fornece uma análise crítica das dinâmicas exaustivas da sociedade moderna, destacando como a positividade exacerbada resulta em uma sobrecarga emocional e

mental. Ao aplicar as reflexões de Han à EJA, é possível identificar como a Pedagogia Integradora pode oferecer uma resposta inovadora, capaz de transformar o ambiente educacional em um espaço que desafia os padrões de exaustão, ao mesmo tempo em que promove o empoderamento coletivo.

Ele argumenta que a sociedade contemporânea se baseia em uma lógica de exaustão, na qual a pressão por produtividade e sucesso individual gera uma condição de cansaço generalizado. Essa "sociedade do cansaço" afeta diretamente os sujeitos, levando-os à fadiga emocional e à alienação de suas próprias experiências. Quando essa realidade é aplicada à EJA, compreende-se que muitos dos alunos enfrentam desafios que vão além do ambiente escolar, como responsabilidades familiares e laborais, que agravam essa sensação de cansaço. Han observa que a pressão pela auto-otimização transforma o indivíduo em um empresário de si mesmo, constantemente exigindo de si uma eficiência produtiva que se esgota em si mesma (Han, 2017). Tal observação torna-se crucial ao refletirmos sobre como essas demandas impactam negativamente o engajamento desses estudantes em sua jornada educacional.

No entanto, ao adotarmos práticas pedagógicas integradoras, podemos reverter esse quadro. A Pedagogia Integradora, aplicada à EJA, oferece um ambiente educacional colaborativo que valoriza as experiências de vida dos alunos e promove a construção conjunta do conhecimento. Esse tipo de abordagem atua como contraponto às pressões da sociedade contemporânea, criando um espaço menos exaustivo e mais humano. Ao invés de focar exclusivamente no desenvolvimento individual, a Pedagogia Integradora propõe uma noção de "positividade coletiva" (Han, 2017), em que o sucesso é compartilhado e o apoio mútuo entre os alunos é incentivado. Dessa forma, a EJA transcende as barreiras impostas pela "sociedade do cansaço" e fomenta uma educação mais solidária, que favorece o empoderamento coletivo.

O autor destaca ainda a importância da "pausa" e da reflexão no processo de superação das exigências exaustivas da modernidade. A incorporação de momentos de reflexão crítica na EJA permite que os alunos não apenas absorvam conhecimento, mas também processem suas experiências pessoais, construindo uma compreensão mais profunda de si mesmos e de seu papel na sociedade. Segundo Han, "a pausa não é simplesmente uma interrupção do trabalho, mas uma condição necessária para o surgimento de novas formas de viver e pensar" (Han, 2017). Nesse sentido, a Pedagogia Integradora, ao incluir essas pausas reflexivas, possibilita que os alunos integrem os

conhecimentos adquiridos de maneira significativa e que superem os desafios impostos pela vida contemporânea.

A relação entre as teorias de Byung-Chul Han e a prática educacional na EJA revela, assim, uma oportunidade de repensar não apenas os métodos de ensino, mas também os objetivos da educação. O empoderamento coletivo surge como uma meta central, que contrapõe a fragmentação e a alienação promovidas pela sociedade do cansaço. Ao valorizar o aprendizado colaborativo e o apoio mútuo, a EJA se estabelece como um espaço de emancipação, onde os indivíduos podem reconstruir sua narrativa pessoal e desenvolver uma visão crítica sobre o mundo e sobre si mesmos.

Para (Adorno, 2022), emancipação significa conscientização, a saída de um estágio de ignorância por meio do esclarecimento. Este termo é utilizado como um processo de "desencantamento do mundo", no qual os indivíduos se liberam do medo e da subordinação a uma natureza desconhecida. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a busca pela emancipação se torna ainda mais significativa, pois propõe a superação de lacunas educacionais e a conscientização dos sujeitos sobre sua realidade social.

Neste sentido, Lacan contribui para o entendimento do processo de emancipação ao destacar a centralidade da linguagem na construção da subjetividade. Em seus escritos, Lacan enfatiza que o sujeito é constituído na e pela linguagem, sendo este um fenômeno que não se restringe à comunicação consciente, mas permeia o inconsciente. Ao trazer essa perspectiva para o âmbito educacional, podemos entender que, na EJA, a linguagem não apenas informa, mas também transforma os sujeitos, oferecendo-lhes ferramentas para a ressignificação de suas experiências e de seu lugar no mundo (Lacan, 1998)

A emancipação, nesse cenário, não ocorre apenas pelo acesso ao conhecimento técnico ou formal, mas pela possibilidade de o sujeito "ler" e "reescrever" sua própria história. A EJA, então, atua como um espaço de potencial transformação, onde o discurso pedagógico, aliado a práticas que valorizam a escuta e a palavra dos alunos, permite que eles se apropriem de suas narrativas e construam uma nova relação consigo mesmos e com a sociedade.

Além disso, a ideia lacaniana de que o sujeito está sempre em busca de um sentido perdido (representado pelo desejo) nos ajuda a refletir sobre o papel da educação como um campo onde essa busca pode ser orientada. Ao proporcionar um espaço de reflexão e diálogo, a EJA não só capacita os indivíduos com conhecimento, mas os coloca em um processo contínuo de autodescoberta e redefinição. A pedagogia, então, não apenas

educa, mas emancipa ao permitir que o sujeito reconheça e questione as estruturas simbólicas que moldam sua existência.

Assim, a aplicação das ideias de Adorno e Lacan ao contexto da Educação de Jovens e Adultos revela a importância de uma educação que não se limita à instrução técnica, mas que permite uma real transformação subjetiva e social, capacitando os sujeitos a se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos no âmbito escolar, pelos documentos oficiais que regem o sistema educacional no Brasil - tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9394/96 (Brasil, 1996), os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Sef, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (Sef, 1997), emanados do Ministério da Educação (MEC) -, que o trabalho com a linguagem, especialmente com a linguagem escrita, é inerente à atividade do professor, seja na Educação Básica ou no Ensino Médio. Sendo assim, o professor de qualquer área de conhecimento, que atue em qualquer ano de escolaridade dos Ensinos Fundamental e Médio, deve trabalhar com um currículo que é atravessado pela linguagem, pelo trabalho com a língua materna e, conseqüentemente, pelo trabalho com a escrita.

A escola é o lugar de referência onde os encontros entre o professor e seus alunos se materializam. O que a identifica são justamente as suas práticas que se repetem no decorrer da história e lhe fornecem uma marca. Em qualquer lugar do mundo é possível identificar “as formas físicas das escolas e as formas de fazer dos docentes” (Arroyo, 2013, p. 152). Este jeito de ser desta instituição e dos seus sujeitos sociais são resultantes dos ritos e dos fazeres que durante décadas e séculos foram sendo incorporados às práticas dos professores e alunos, assegurando o papel exercido pela escola na sociedade. (Arroyo 2013, p. 152) destaca também que “somos o que produzimos. Nosso fazer é nosso espelho. A escola é a síntese de um amontoado de práticas do coletivo [...]”

Nada é possível aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja revivida (Larrosa, 1998). De igual modo, para (Oliveira e Romão, 2020) podemos considerar que o aluno não deixa seu passado na área externa da escola, pelo contrário, ele adentra os portões da escola com suas trajetórias de vida, com tudo que experienciou. Assim, o discurso que o professor e o aluno podem construir sobre aquilo que foi e é experimentado em suas vidas, se traduz em possibilidades de aprendizagens. Eles se fazem e se refazem na caminhada da vida, tendo como referência seus percursos

familiares e suas trajetórias de escolarização, bem como as relações estabelecidas em seus espaços de formação. Em tempos onde reconhecer a diferença e respeitá-la é fundamental para que nos tornemos mais humanos, (Arendt, 2007, p. 189) salienta que “no homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares”. A experiência vivida no contexto da escola propicia a aprendizagem desta distinção singular dos seres humanos por meio do discurso e da ação (Arendt, 2007).

Segundo (Oliveira e Romão, 2020), as experiências vividas no espaço escolar são relevantes na formação de um indivíduo. As ações desenvolvidas neste ambiente são carregadas de intencionalidade, sendo planejadas com objetivos a serem alcançados. Desde a mais tenra idade o ser humano adentra os portões de uma unidade escolar para a aquisição de um conhecimento que ultrapassa o sentido do aprendizado da matéria, dos conteúdos programados, do saber institucionalizado. A aprendizagem na convivência com pessoas que não compõem o núcleo familiar mais próximo ensina ainda mais o respeito aos limites, instrui sobre a alteridade em um mundo cada vez mais plural.

Segundo (Souza e Pacífico, 2011), o sujeito, nessa perspectiva teórica, é entendido não como indivíduo, mas como uma posição ocupada no discurso, atravessada pelos dizeres de outros, isto é, por vozes e sentidos que circulam ou já circularam antes e em outro lugar, ao que chamamos interdiscurso, e que fornecem a matéria-prima para o fio discursivo tomado/construído pelo sujeito, ao que chamamos intradiscurso. O encadeamento dos significantes e a ancoragem destes no interdiscurso passam também pela tensão entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo (a repetição) e o diferente (a polissemia); assim, o sujeito ao enunciar, para que seus dizeres façam sentido, precisa retomar o que já foi dito e instaurar algo novo. Nesse processo de formular e fazer circular sentidos, encontramos o sujeito imerso na trama da linguagem, do discurso, um sujeito que luta para ocupar posições na disputa desses mesmos sentidos, podendo ou não ocupar a posição discursiva de autor.

Um dos elementos que possibilita uma escola mais humana, segundo (Freire, 2019), é a presença de um professor que esteja aberto, que tenha coragem de querer bem aos educandos e ao exercício da sua prática pedagógica. Que compreenda a afetividade como uma possibilidade de aproximação entre ele e os alunos. Um docente que se permita sorrir diante das pequenas conquistas no cotidiano das suas turmas. Que autêntica, que deixa sua marca, no compromisso com a formação humana das pessoas que dividem com

ele o espaço de aprendizagem formal. Assim também, uma escola humanizada está a depender, entre outros, das relações construídas com o professor e seus colegas, mas, igualmente, da disposição do aluno em se envolver na dinâmica da sala de aula. Docentes dispostos a ensinar para que seus alunos aprendam e discentes abertos para entrar no mundo do desconhecido, estabelecer relações, compreender a realidade como ela é e não como querem que seja vista. Aprender a discernir, a escolher o que lhe serve e o que não serve. Alunos e professores conscientes do seu papel e da parceria que precisa ser estabelecida entre ambos durante a caminhada do processo de ensinagem e aprendizagem.

Embora tenha professor que ensina-para-ele, ou seja, despeja o conteúdo como se o aluno fosse um vasilhame, prática essa contestada na teoria freiriana. Nesta perspectiva, os saberes adquiridos pelo docente em suas vivências cotidianas se autenticam na postura que os educandos assumem a cada desafio apresentado no processo de ensino e aprendizagem. Por conseguinte, (Tardiff, 2014) salienta que o maior desafio para o professor é transformar seus alunos em parceiros no processo pedagógico. A formação inicial habilita o professor a assumir a liderança de uma turma de alunos em uma unidade escolar, mas será no cotidiano da docência, nas relações estabelecidas com o outro, que este profissional vai aprimorar os saberes necessários para caminhar.

Assim, nas relações estabelecidas na sala de aula, os saberes dos professores e dos alunos vão se materializando e se reconstruindo na medida em que chegam neste espaço trazendo suas experiências de formação e adquirem novos saberes no processo de trocas vivenciadas no cotidiano da escola. (Romão, 2014, p. 1076) destaca que “é o outro que me (in)completa e, portanto, me educa – nos espaços da família, da escola, da sociedade. O outro me educa porque toda aproximação gera o conflito, tende a desassossegar”. Estar com o outro nem sempre se traduz em uma aproximação pacífica, e este espaço de desassossego pode se tornar em um terreno propício para se forjar o respeito às diferenças e a formação de uma postura ética. Ninguém aprende nem tampouco desconstrói suas certezas se não desassossegar-se. Desassossegado entra no processo de busca permanente, de autoria e de apropriação de sua própria história.

Hoje, mais que nunca, torna-se necessário a educação libertadora, a escola está compelida a ser um espaço libertador, embora muitas delas estejam sob as amarras de uma mentalidade e ação que mais aliena que conscientiza, que mais aprisiona que liberta. Paulo Freire, ao ressaltar a importância da convivência, afirma que “ninguém liberta ninguém sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p. 52). Assim na escola, tanto o professor quanto seus alunos, são expostos a um ambiente de interações

que possui um caráter formativo desde as fases iniciais de escolarização. Trazer à memória este tempo, selecionar as lembranças, e trazê-las em narrativas, se configuram em experiências únicas no que diz respeito à reinvenção de si.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. e MAX Horkheimer. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995B
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARIES, P. (1981) **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed Guanabara.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- BIRMAN, J. (1999). **As alquimias do mal estar da atualidade**. Revista Latino Americana de Psicopatologia fundamental, ano II, 1, 35-49
- BRAGA, Clara Maria Lima. FULGENCIO, L. (2009); **COMUNICAÇÃO E ISOLAMENTO EM ESCRITA DE BLOGS**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) 2009
- BRETON, D. (1991). *Passions du risque*. Paris: Métailié.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 2014.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Ed. Vozes (2017)
- LACAN, Jacques. **Escritos**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar ., 1998.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*: estúdios sobre literatura y formación. Barcelona: LAERTES, 1998.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **MARCO LEGAL** saúde, um direito de adolescentes., Brasília, 2007

OLIVEIRA, Sandra Mara Vieira., MOURÃO, Eliana Sampaio., **Formação de professores. Memória e narrativa.** Anais do XIV Colóquio Internacional “Educação e contemporaneidade”, São Cristóvão (2020)

PEREIRA, J. H. (2001). **Curso básico de teoria da comunicação.** Ed Quartet.

ROMÃO, Eliana Sampaio. **O eu e o outro nos espaços e tempos de desassossegos: formação e a(tua)ção docente.** In: FLORES, M. A., COUTINHO, C., LENCASTRE, J. A. (Orgs.). ATAS DO CONGRESSO FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM. Braga - Portugal: CIEC, UMinho, 2014, p. 1071-1081

SALLES, L. M. F. (2005). **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos.** *Estudos de Psicologia*, 22(1), 35-41.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Juliana Cristina Rezende de. PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Sujeito e autoria no contexto escolar: Contribuições da análise do discurso.** Revista Spagesp. São Paulo (2011)

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WAGNER, A. et all. (2005). **Estratégias de Comunicação Familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes.** *Psicologia: Reflexões e Críticas*, 18(2), 277-282.